

# A GEOFILOSOFIA COMO PONTO DE ENCONTRO ENTRE MIROSLAV MILOVIC E CAROLINA MARIA DE JESUS: HOSPITALIDADE E DECOLONIALISMO<sup>1</sup>

*GEOPHILOSOPHY AS A MEETING POINT BETWEEN MIROSLAV MILOVIC AND CAROLINA MARIA DE JESUS: HOSPITALITY AND DECOLONIALISM*

**Paulo Irineu Barreto Fernandes<sup>2</sup>**

Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Uberlândia, MG, Brasil

---

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v1i2.41>    Recebido em: 14.10.2023    Aceito em: 03.12.2023

---

**Resumo:** O objetivo deste artigo é, a partir de uma perspectiva geofilosófica, estabelecer uma relação entre reflexões presentes em escritos de Miroslav Milovic e Carolina Maria de Jesus, tendo como ponto comum a crítica ao modelo de desenvolvimento adotado pelo ocidente, marcadamente patriarcal, hegemônico e opressivo. A hipótese defendida é a de que as razões que levaram Milovic a se aproximar de uma filosofia que privilegia a hospitalidade, em resposta à hostilidade própria dos processos que determinam a sociedade capitalista, se assemelham às razões que levaram Carolina Maria de Jesus a produzir uma obra profundamente decolonialista, embora não se possa afirmar que sejam os mesmos condicionantes que os moveram. E, embora os escritos de Carolina situam-se no âmbito da literatura e os de Miroslav, na filosofia, pretende-se também demonstrar que ambos se encontram na geofilosofia, entendida como ferramenta interpretativa, ou mesmo como uma abordagem teórica que busca refletir sobre, e descrever, a relação entre o pensamento, a terra e as categorias geográficas.

**Palavras-chave:** Geofilosofia. Hospitalidade. Decolonialismo.

**Abstract:** The objective of this article is, from a geophilosophical perspective, to establish a relationship between reflections present in the writings of Miroslav Milovic and Carolina Maria de Jesus, having as a common point the criticism of the development model adopted by the West, which is markedly patriarchal, hegemonic and oppressive. . The hypothesis defended is that the reasons that led Milovic to approach a philosophy that privileges hospitality, in response to the hostility inherent to the processes that determine capitalist society, are similar to the reasons that led Carolina Maria de Jesus to produce a work profoundly decolonialist, although it cannot be said that they are the same conditions that moved them. And, although Carolina's writings are located within the scope of literature and Miroslav's, within philosophy, we also intend to demonstrate that both are found in geophilosophy, understood as an interpretative tool, or even as a theoretical approach that seeks to reflect on, and describe the relationship between thought, land and geographic categories.

**Keywords:** Geophilosophy. Hospitality. Decolonialism.

---

1 Este artigo contém ideias desenvolvidas pelo autor durante a redação de sua tese de doutoramento no Programa de Pós-graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Profa. Dra. Georgia Cristina Amtrano, defendida em dezembro de 2023.

2 Professor de Filosofia no Instituto Federal do Triângulo Mineiro - Campus Uberlândia.



## Introdução

O objetivo deste artigo é, a partir de uma perspectiva geofilosófica, estabelecer uma relação entre reflexões presentes em escritos de Miroslav Milovic e Carolina Maria de Jesus, tendo como ponto comum a crítica ao modelo de desenvolvimento adotado pelo ocidente, marcadamente patriarcal, hegemônico e opressivo. A hipótese defendida é a de que as razões que levaram Milovic a se aproximar de uma filosofia que privilegia a hospitalidade, em resposta à hostilidade própria dos processos que determinam a sociedade capitalista, se assemelham às razões que levaram Carolina Maria de Jesus a produzir uma obra profundamente decolonialista, embora não se possa afirmar que sejam os mesmos condicionantes que os moveram. E, embora os escritos de Carolina situam-se no âmbito da literatura e os de Miroslav, na filosofia, pretende-se também demonstrar que ambos se encontram na geofilosofia, entendida como ferramenta interpretativa, ou mesmo como uma abordagem teórica que busca refletir sobre, e descrever, a relação entre o pensamento, a terra e as categorias geográficas.

O conceito de geofilosofia aqui utilizado é o que está presente na obra de Deleuze e Guattari, mais especificamente no texto “Geofilosofia”, do livro *O que é a Filosofia?* (1991). Segundo os próprios autores, a geofilosofia analisa e interpreta “como o pensamento se realiza na relação entre o território e a terra”. Dessa forma, a geofilosofia expressa a relação de imanência entre terra e pensamento, combinando as duas palavras igualmente, no sentido em que todo pensamento remete, de forma imanente e horizontal, ao lugar, ao território, à paisagem, dentre outros.

E, pensando a partir de uma perspectiva geofilosófica, uma das discussões mais frequentes e atuais nos escritos do contexto das ciências humanas é aquela que versa sobre a existência de um grande número de pessoas destituídas de moradia, teto e lugar, no mundo contemporâneo. O que evidencia um mundo hostil para muitos: estrangeiros, exilados, expatriados, apátridas, migrantes, banidos, escravizados. No entanto, o mundo pode também se revelar hostil para outros, ainda que seja por motivos não tão manifestos. Ou seja, o mundo pode ser hostil também para os que são hostis e que praticam os mais diversos tipos de preconceitos, sobretudo devido ao fato de que, para eles, o outro não existe, ou não é considerado. E, tudo indica, esse é um problema para o qual nem mesmo Heidegger, que escreveu exaustivamente sobre a condição de *ser no mundo*, apresentou encaminhamentos satisfatórios, como pode ser evidenciado na citação a seguir, de Miroslav Milovic:

Mas também, dentro da filosofia de Heidegger, Lévinas não encontra a possibilidade de afirmar o *Outro*. A estrutura existencial do *ser-aí* permanece fechada no seu próprio mundo; a possibilidade da intersubjetividade torna-se apenas uma “promessa” que Heidegger nunca vai elaborar. No final das contas, o *ser-aí* fica sozinho. [...] Uma forma de egoísmo, talvez o egoísmo europeu, determina a posição de Heidegger. (Milovic, 2004, p. 118).

A mera confrontação das afirmações acima, de Milovic, a respeito da percepção de Lévinas sobre Heidegger, poderia sugerir uma dúvida em relação ao real papel dos escritos de Heidegger para a geofilosofia, pois são afirmações que contrastam com o visto até aqui. No entanto, apenas em um contexto marcado por uma relação dual e, em alguns casos, maniqueísta, é que poderia surgir essa dúvida. Quando feita a partir de uma percepção rizomática e não dicotômica, que é

o propósito destes estudos, a – aparente – contradição torna-se perfeitamente plausível, uma vez que o objetivo não é paralisar o movimento, mas acompanhá-lo. Nesse caso, podemos afirmar que coube a Heidegger uma fértil contribuição à geofilosofia, no que tange ao lugar do ser (subjetividade) no mundo, mas faltou-lhe, ainda, a percepção de uma intersubjetividade entre possíveis diferentes reais. Essa ausência, de acordo com Lévinas e Milovic, pode ter contribuído para a elaboração, ou supervalorização, de um *devoir-europeu*, que se sobrepõe sobre um *devoir-terra*. E Deleuze e Guattari também não deixaram essa ausência passar sem ser percebida. Eles a acusaram: “Heidegger se perdeu nos caminhos da reterritorialização [...] Ele se enganou de povo, de terra, de sangue. Pois a raça invocada pela arte ou a filosofia não é a que se pretende pura, mas uma raça oprimida” (D&G, 1992, p. 141).

O resultado dessa supervalorização tem custado caro para o desenvolvimento da sociedade como um todo, pois torna a percepção do outro um ato extraordinário, no sentido literal da palavra: há momentos em que aparece como um ato de solidariedade e compaixão e há momentos em que aparece como ato subversivo; mas a relação continua sendo pensada de forma dicotômica. Não há, por definição, um lugar para o *outro* dentro da formulação *eu*; a não ser como um estranho.

Como forma de ilustrar as afirmações acima, propomos o poema *Sentimento de Mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, bastante pertinente e representativo. Cito alguns trechos:

Tenho apenas duas mãos  
e o sentimento do mundo,  
mas estou cheio de escravos,  
minhas lembranças escorrem  
e o corpo transige  
na confluência do amor.  
[...]  
Quando os corpos passarem,  
eu ficarei sozinho  
desafiando a recordação  
do sineiro, da viúva e do microscopista  
que habitavam a barraca  
e não foram encontrados  
ao amanhecer  
esse amanhecer  
mais noite que a noite. (Andrade, 2016, p. 11).

Faz-se necessário, ainda, apresentar um pensamento para o qual o ser também possa ser pensado no encontro com o outro, não apenas formalmente, mas também em uma formulação na qual se dê o reconhecimento do outro, no âmbito ontológico. Para Miroslav Milovic, em Lévinas nós podemos encontrar essa formulação.

## Milovic e a *Casa de Lévinas*

Assim como Nietzsche e Heidegger, Lévinas é um dos autores recorrentes nos estudos geofilosóficos, sobretudo em virtude de um dos seus conceitos: a “filosofia da alteridade” que, por sua vez, remete à reciprocidade e à hospitalidade, temas caros em uma abordagem geofilosófica.

Sobre Lévinas, Caterina Resta escreve<sup>3</sup>:

Lévinas indica-nos o caminho para um outro homem, para uma humanidade de um outro homem, no signo de uma responsabilidade imensurável e de um dever ineludível, fechando a época de uma ética e de uma política - quiçá, também uma teologia - fundadas no princípio masculino da maestria e da soberania, para ceder lugar ao feminino do acolhimento e da hospitalidade. Humanismo do outro homem, humanismo do outro do homem, se no feminino - como sustentou o próprio Lévinas - estivermos dispostos a reconhecer o valor de uma alteridade radicalmente irredutível ao Mesmo. (Resta, 2008, p. 96).

Destacamos, na citação acima, a crítica ao modelo de desenvolvimento centrado no masculino que pauta a história do ocidente e que tem causado muitos sofrimentos, uma vez que privilegia a força e o domínio, em detrimento da reciprocidade e da alteridade.

Lévinas também aparece em *O que é a Filosofia?*, de Deleuze e Guattari, uma única vez, em uma nota de rodapé, quando os autores estão apresentando e desconstruindo a dicotomia entre transcendência e imanência. Deleuze e Guattari, tanto quanto Lévinas, não colaboram com essa dicotomia, mas, de forma pioneira, procuram colocar os termos em uma condição diferente. Embora advoguem pela segunda, que é, acima de tudo, o fundamento do conceito “geofilosofia”, não o fazem em detrimento da primeira: a filosofia é, antes de tudo, uma geofilosofia, uma vez que a relação do pensamento se dá, a princípio, com a Terra e com os seus elementos:

É preciso concluir, daí, por uma oposição radical entre as figuras e os conceitos? A maior parte das tentativas de determinar suas diferenças exprimem somente juízos de humor, que se contentam em desvalorizar um dos dois termos: ora se dá aos conceitos o prestígio da razão, enquanto as figuras são remetidas à noite do irracional e a seus símbolos; ora se dá às figuras os privilégios da vida espiritual, enquanto que os conceitos são remetidos aos movimentos artificiais de um entendimento morto. E todavia inquietantes afinidades aparecem, sobre um plano de imanência que parece comum<sup>4</sup>. O pensamento chinês inscreve sobre o plano, numa espécie de ir e vir, os movimentos diagramáticos de um pensamento - Natureza, yin e yang, e os hexagramas são os cortes do plano, as ordenadas intensivas destes movimentos infinitos, com seus componentes em traços contínuos e descontínuos. Mas tais correspondências não excluem uma fronteira, mesmo que difícil de discernir. É que as figuras são projeções sobre o plano, que

3 Lévinas ci indica la strada per un altro uomo, per un'umanità dell'altro uomo, nel segno di una responsabilità smisurata e di un dovere ineludibile, chiudendo l'epoca de un'etica e di una politica - forse anche di una teologia - improntate al principio maschile della padronanza e della sovranità, per cedere il passo a quello femminile dell'accoglienza e dell'ospitalità. Umanismo dell'altro uomo, umanismo dell'altra dell'uomo, se al femminile - come ha sostenuto lo stesso Lévinas - siamo disposti a riconoscere il valore de un'alterità radicalmente irriducibile allo Stesso. (Tradução nossa).

4 Certos autores retomam hoje, sobre novas bases, a questão propriamente filosófica, liberando-se dos estereótipos hegelianos ou heideggerianos: sobre uma filosofia judaica, os trabalhos de Lévinas e em torno de Lévinas (Les cahiers de la nuit surveillée, n° 3, 1984); sobre uma filosofia islâmica, em função dos trabalhos de Corbin, cf. Jambet (La logique des Orientaux, Ed. du Seuil) e Lardreau (Discours philosophique et dis-cours spirituel, Ed. du Seuil); sobre uma filosofia hindu, em função de Masson-Oursel, cf. a aproximação de Roger-Pol Droit (Uoubli de l'Inde, P.U.F.); sobre uma filosofia chinesa, os estudos de François Cheng (Vide et plein, Ed. du Seuil) e de François Jullien (Procès ou création, Ed. du Seuil); sobre uma filosofia japonesa, cf. René de Ceccaty e Nakamura (Mille ans de littérature japonaise, e a tradução comentada do monge Dôgen, Ed. de la Différence). (Nota de D&G).

implicam algo de vertical ou de transcendente; os conceitos, em contrapartida, só implicam vizinhanças e conjugações sobre o horizonte. (D&G, 1992, p. 120).

A alusão a “outras” filosofias, para além da matriz grega, é também uma preocupação geofilosófica, pois remete à possibilidade de cada povo, cultura e lugar produzirem um pensamento próprio e legítimo. Ao mesmo tempo, busca um rompimento com a tradição dominante no desenvolvimento do pensamento ocidental, conforme já citado acima.

A respeito de Lévinas e do alcance das formulações heideggarianas, encontramos em Milovic a seguinte afirmação:

... parece que toda a história da filosofia comete uma injustiça profunda, tematizando várias formas do Mesmo e esquecendo o Outro. Como tematizar o *Outro*? Podemos imaginar a relação de simetria entre Mesmo e Outro, mas neste caso a dúvida é saber se assim se afirma a posição autêntica dos *outros*. Outra alternativa seria a posição assimétrica em favor do Mesmo, o que a filosofia representa até hoje. A terceira alternativa seria a assimetria em favor do Outro. Essa é a perspectiva de Lévinas. [...] § A diferença ontológica entre o ente e o ser precisa ser superada exatamente com as estruturas éticas que faltam em Heidegger. (Milovic, 2004, p. 117, 118).

O que mais preocupa Milovic é o quanto o mundo se torna perigoso na ausência de uma percepção do *outro*, dentro do *eu*. Todos os conceitos compreensivos já desenvolvidos na história da humanidade, tais como: liberdade, comunidade, reciprocidade, alteridade, dentre outros, caem por terra, no âmbito prático, enquanto, em âmbito conceitual, permanece a distância. Isso não se dá, necessariamente, pelo fato de não existir uma relação tácita entre conceito e prática, mas, acima de tudo, porque mesmo os discursos inclusivos ainda privilegiam um *eu* que inclui um *outro*. Ou seja, a reflexão que interessa é a que propõe Lévinas, de acordo com Milovic:

Então, onde esconder-se neste mundo perigoso, onde encontrar lugares seguros? Seguramente não na casa de um utilitarista cujo cálculo nos pode extraditar aos criminosos. Seguramente não na casa de um kantiano que sempre tem de dizer a verdade. Eu teria muitas dúvidas sobre a casa de um habermasiano, porque tudo pode acontecer com a nossa vida até encontrarmos uma solução discursiva. Teria também muitas dúvidas na casa de um pós-moderno, orientado pela perfeição estética da sua própria vida. O único lugar seguro parece a casa de Lévinas, aberta a Outrem... (Milovic, 2004, p. 119).

Nesse parágrafo, profundamente geofilosófico, Milovic sintetiza o sentimento da geofilosofia, para o qual a Terra deveria ser essa “Casa de Lévinas”, aberta e segura para todos. E o geofilosofar<sup>5</sup>, por consequência, é toda reflexão que possa nos conduzir ao outro, ainda que de forma – considerada – subversiva, como afirma Baldino:

[...] (a assunção do ponto de vista da vítima e do delinquente em lugar do da comunidade e do Estado - a geofilosofia indica uma vítima absoluta, um paradigma de vítima: os ἰδιότης, os excluídos do pensamento comum, mas também o ser que se sustenta por si, o privado, o doméstico, o camponês, a mulher, o excluído da comunidade política e, finalmente, o excluído da comunidade histórica, ou seja, o ser desprovido de passado e futuro). (Baldino, 2013, s/p).

5 Conceito introduzido pelo autor em sua tese “Por uma Terra de (e para) todos: introdução ao geofilosofar”, defendida em dezembro de 2023, sob a orientação da Profª. Dra. Georgia Cristina Amitrano, no Programa de Pós-graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

Mais uma vez está em destaque a íntima relação entre as preocupações geofilosóficas e a percepção do outro, sempre visto na imagem – ou representação – do excluído. E, em Lévinas, as indagações geofilosóficas aparecem na forma de uma *filosofia da diferença*, ou *filosofia da alteridade*, que coloca o outro como o protagonista. Em uma sociedade civil estabelecida, o Estado não deve ser avaliado e julgado pela maneira como são tratados os privilegiados, os que são entendidos como iguais. O Estado, ao contrário, deve ser avaliado pela maneira como trata os injustiçados e excluídos. Trata-se de uma questão ética. De fato, o que Lévinas está propondo é uma reconciliação entre a política e a ética. Que a política e a ética estejam divorciadas é algo que sabemos desde Maquiavel. A tarefa agora é reconciliá-las. Por isso, Milovic, ao descrever o que seria “estar na casa de Lévinas”, afirma:

A casa de Lévinas é quase uma casa virtual, algo que se encontra no caminho de uma vida nômade, sem essência. É uma possibilidade. A ética só existe nessa possibilidade da hospitalidade. [...] A ética ganha o primado novamente, mas não no sentido kantiano. Sem os pressupostos éticos, a política deforma os indivíduos, julgando-os segundo os critérios universais, julgando-os como se fossem ausentes. Sem os pressupostos éticos elaborados no sentido de Lévinas, a política fica sob a forma da universalidade anônima. A política nos chega do Outro, do estrangeiro. A relação com o Outro é a justiça, é a sociedade. (Milovic, 2004, p. 120).

A casa de Lévinas não é a casa de Kant, do imperativo categórico, para o qual a justiça pretende ser tão universal que dificilmente pode ser aplicada ao indivíduo excluído e acaba por ser sempre a justiça, e a ética, dos iguais. Em Lévinas, de acordo com Milovic, o novo centro da filosofia é o Outro e se a ética não o contemplar, ela também se torna, ou continua, metafísica; portanto: hegemônica e colonial. Uma maneira de romper com essa supremacia foi apresentada como *pensamento decolonial*, no qual é possível perceber preocupações que dialogam com a geofilosofia.

## Geofilosofia e decolonialismo

A expressão “pensamento decolonial” e o termo “geofilosofia”, embora não haja um consenso, surgiram em um mesmo contexto histórico, mas em diferentes regiões geográficas, e é difícil determinar, com precisão, qual deles surgiu primeiro. Enquanto atribui-se a autoria do termo *geofilosofia* a Deleuze e Guattari, no livro *O Que é a Filosofia?*, de 1991 (edição francesa); atribui-se a autoria de “pensamento decolonial” a Anibal Quijano, no artigo *Colonialidad Y Modernidad/Racionalidad*, de 1992:

A crítica ao paradigma europeu de racionalidade/modernidade é indispensável, mais ainda, urgente. Mas é duvidoso que o caminho consista na simples negação de todas as suas categorias; na dissolução da realidade no discurso; na pura negação da ideia e da perspectiva da totalidade no conhecimento. Longe disso, é preciso desfazer os vínculos da racionalidade/modernidade com a colonialidade, em primeiro lugar, e em última instância com todo o poder não constituído na livre decisão de pessoas livres. É a instrumentalização da razão para o poder, colonial em primeiro lugar, que produziu paradigmas distorcidos de conhecimento e fracassou nas promessas libertadoras da modernidade. A alternativa, portanto, é clara: a destruição da colonialidade do poder mundial. Em primeiro lugar, a descolonização epistemológica para dar lugar a uma nova comunicação intercultural, a uma troca de experiências e significados, como

fundamento de uma outra racionalidade que possa reivindicar, com legitimidade, alguma universalidade. Bem, nada menos racional, finalmente, do que a afirmação de que a visão de mundo específica de um determinado grupo étnico se impõe como racionalidade universal, ainda que tal grupo étnico seja chamado de Europa Ocidental. Porque isso, na verdade, é reivindicar para um provincianismo o título de universalidade<sup>6</sup>. (Quinjano, 1992, p. 20).

Podemos dizer que a expressão “outra racionalidade”, que consta na citação acima, está, para o pensamento decolonial, na mesma perspectiva em que a expressão “nova terra”, amplamente utilizada por Deleuze e Guattari, está para a geofilosofia.

A geofilosofia e o pensamento decolonial são termos independentes que surgiram a partir de indagações próprias e não pretendemos postular uma relação identitária entre ambos. No entanto, são duas formas de pensamento e de abordagem teórica que apresentam um ponto comum que nos interessa: a denúncia contra os abusos do colonialismo e do imperialismo, cuja expressão mais destacada, no atual mundo globalizado, é o eurocentrismo e os seus desdobramentos, no contexto da ordem capitalista.

Assim, defendemos a hipótese de que exista, na geofilosofia de Deleuze e Guattari, o anúncio de um pensamento decolonial que não foi desenvolvido por eles, nos mesmos termos em que o decolonialismo foi trabalhado pelos autores que a ele se dedicam especificamente. E essa hipótese pode ser confirmada em alguns escritos dos dois autores franceses, como no trecho a seguir:

O *Spatium imperiale* do Estado, ou a *extensio política* da cidade, é menos um princípio territorial que uma desterritorialização, que captamos ao vivo quando o Estado se apropria do território dos grupos locais, ou então quando a cidade ignora sua hinterlândia; a reterritorialização se faz num caso sobre o palácio e seus estoques, no outro sobre a ágora e as rotas mercantis. § Nos Estados imperiais, a desterritorialização é de transcendência: ela tende a se fazer em altura, verticalmente, segundo um componente celeste da terra. O território tornou-se terra deserta, mas um Estrangeiro celeste vem refundar o território ou reterritorializar a terra. Na cidade, ao contrário, a desterritorialização é de imanência: ela libera um Autóctone, isto é, uma potência da terra que segue um componente marítimo, que passa por sob as águas para refundar o território (o Erecteion, templo de Atena e de Poseidon). (D&G, 1992, p. 114).

A colonização é, também, uma das formas de apropriação do território, a qual implica em desterritorializações e reterritorializações sucessivas. Ao mesmo tempo, a colonização inclui os estrangeiros e os autóctones. Há casos em que a desterritorialização, provocada pelo colonizador, acontece de forma vertical e hierárquica; e há casos em que ela ocorre na imanência, horizontalmente. Assim como a desterritorialização pode ser absoluta ou relativa, mas não em

6 La crítica del paradigma europeo de la racionalidad/modernidad es indispensable, más aún, urgente. Pero es dudoso que el camino consista en la negación simple de todas sus categorías; en la disolución de la realidad en el discurso; en la pura negación de la idea y de la perspectiva de totalidad en el conocimiento. Lejos de eso, es necesario desprenderse de las vinculaciones de la racionalidad/modernidad con la colonialidad, en primer término, y en definitiva con todo poder no constituido en la decisión libre de gentes libres. Es la instrumentalización de la razón por el poder, colonial en primer lugar, lo que produjo paradigmas distorsionados de conocimiento y malogró las promesas liberadoras de la modernidad. La alternativa, en consecuencia, es clara: la destrucción de la colonialidad del poder mundial. En primer término, la descolonización epistemológica para dar paso a una nueva comunicación intercultural, a un intercambio de experiencias y de significaciones, como la base de una otra racionalidad que pueda pretender, con legitimidad, alguna universalidad. Pues nada menos racional, finalmente, que la pretensión de que la específica cosmovisión de una etnia particular sea impuesta como la racionalidad universal, aunque tal etnia se llame Europa Occidental. Porque eso, en verdad, es pretender para un provincianismo el título de universalidad. (Tradução nossa).

uma relação necessária entre verticalidade e horizontalidade:

O liame mais profundo, durante um período muito curto, existiu entre a cidade democrática, a colonização, o mar e um novo imperialismo, que não via mais no mar um limite de seu território ou um obstáculo a sua empresa, mas um banho de imanência ampliada. Tudo isso, e principalmente o liame da filosofia com a Grécia, parece fora de dúvida, mas marcado por desvios e por contingência... § Física, psicológica ou social, a desterritorialização é relativa na medida em que concerne à relação histórica da terra com os territórios que nela se desenhavam ou se apagam, sua relação geológica com eras e catástrofes, sua relação astronômica com o cosmos e o sistema estelar do qual faz parte. Mas a desterritorialização é absoluta quando a terra entra no puro plano de imanência de um pensamento — Ser, de um pensamento — Natureza com movimentos diagramáticos infinitos. (D&G, 1992, p. 116).

É importante salientar que, de acordo com Deleuze e Guattari, não há uma relação necessária entre a desterritorialização absoluta e a verticalidade, assim como não há uma relação necessária entre a desterritorialização relativa e a horizontalidade, embora essas sejam as inferências mais intuitivas, às quais o pensamento nos conduz. Enquanto a desterritorialização relativa faz referência às relações da terra consigo mesma, com sua história, geologia, posição espacial e com os seus territórios, em constante mutação; a desterritorialização absoluta remete ao pensamento sobre a terra, quando ela é transformada no “Ser de um pensamento” (*Ibid.*, p. 117).

Nesse sentido, quando uma desterritorialização é relativa, ela tanto pode ser imanente (horizontal) quanto transcendente (vertical). Quando ela é transcendente, o seu componente vertical, que pode ser, por exemplo, um elemento de uma cultura, deve “inclinarse ou sofrer uma espécie de rotação para se inscrever sobre o plano do pensamento-Natureza sempre imanente: é segundo uma espiral, que a vertical celeste pousa sobre a horizontal do plano do pensamento” (*Ibidem*). Isso implica em que tudo que envolve a terra é, de fato, imanência. Não são os elementos telúricos que estão abstraídos em um pensamento, mas é o pensamento que se projeta sobre um plano de imanência: “... a transcendência que se projeta sobre o plano de imanência o ladrilha ou o povo de Figuras. É uma sabedoria, ou uma religião, pouco importa” (*Ibid.*, 1992, p. 118).

Por essas razões, podemos inferir, embora não esteja explícito no texto dos autores franceses, que, assim como as desterritorializações, a colonização também pode ser relativa ou absoluta. A colonização relativa é a invasão material, a chegada do colonizador, com suas consequências e desdobramentos físicos, geralmente nefastos. A colonização absoluta, por sua vez, são os desdobramentos imateriais da colonização relativa, a aculturação, a assimilação dos caracteres simbólicos do colonizador, por parte do colonizado. É por isso que se faz necessário não apenas descolonizar, mas é preciso também decolonizar<sup>7</sup>. Encontramos a decolonização na obra de Carolina Maria de Jesus.

<sup>7</sup> Os termos “descolonizar” e “decolonizar”, e suas correspondentes variações, poderiam ser usados sem grandes discussões, embora nem sempre possam ser usados no mesmo sentido. Neste artigo, optou-se por uma ênfase maior na expressão “decolonizar” (decolonização, decolonial), ao invés de “descolonizar”, pois nos parece a mais adequada ao propósito de acrescentar os elementos geofilosóficos, existenciais e imateriais da questão, penetrando a própria existência das pessoas, em seus lugares e em seu cotidiano. Espera-se que o texto também auxilie na compreensão da abrangência desses termos.

### *A escrita decolonial de Carolina Maria de Jesus*

São apresentados, neste tópico, alguns traços geofilosóficos e decoloniais da escrita de Carolina Maria de Jesus, a partir dos quais a autora rejeita a territorialização que lhe é imposta por ser negra e, por consequência, da própria condição em que se encontram todos os negros, relegados a um lugar inferior pelos que se sentem superiores. Carolina pretende reterritorializar o sentimento de pertencer à *condição negra*, trazendo esse sentimento para um lugar não deslocado ou periférico, mas protagonista. Ela se impõe, não aceita a suposta inferioridade imputada aos negros, conforme é possível verificar no texto a seguir, já apresentado anteriormente e ao qual dedicaremos, neste ponto da reflexão, uma atenção maior:

... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: § \_ É uma pena você ser preta. § Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincarnação, eu quero voltar sempre preta. § ... Um dia um branco disse-me: § \_ Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem. § O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (Jesus, 1960, p. 64).

Nesse caso, apresenta-se também uma aproximação entre características da geofilosofia e os estudos decoloniais, centrada, sobretudo, na crítica ao eurocentrismo. O orgulho de pertencer às etnias negras foi minado durante séculos, sob as mais injustificadas razões, que nunca foram demonstradas, sob qualquer aspecto, seja pela biologia, pela história, pela antropologia, dentre outras ciências. Não foram demonstradas porque não são reais. Pelo contrário, alguns ramos da ciência e do conhecimento humanos, como a antropologia e a história natural, demonstram uma anterioridade dos povos negros em muitos aspectos, conforme se lê na citação a seguir:

Sem dúvida, a razão básica para isso é que Heródoto, após relatar seu testemunho ocular nos informando que os Egípcios eram Pretos, então, demonstrou, com honestidade rara (para um Grego), que a Grécia tomou emprestado do Egito, todos os elementos de sua civilização, mesmo o culto dos deuses, e que o Egito foi o berço da civilização (Diop, 1974, s/nº).

É isso o que faz Carolina, quando afirma: "...eu quero voltar sempre negra" (Jesus, 1960, p. 64). Ela desterritorializa a primazia branca, que se pretende superior, e no seu lugar coloca a condição negra como o sentimento mais auspicioso. E é assim que se dá a relação entre os escritos de Carolina e os de Milovic, aqui apresentados. Em Carolina, a crítica à hegemonia colonialista aparece como uma recusa em aceitar um lugar subalterno, que se apresenta como hostilidade, como rejeição, como colonização. Ela subverte a colonização em três aspectos: a condição de mulher, o fato de ser negra e de ser pobre. Mulher, negra, pobre, em uma sociedade misógena, racista, etnista e aporofóbica. Em Miroslav, por sua vez, o apelo à hospitalidade surge como resposta à hostilidade, tanto em seu sentido físico e material, quanto em seus aspectos subjetivos e imateriais. O que é o manifesto de Carolina Maria de Jesus, senão o grito contra a hostilidade para com as chamadas minorias. E, ainda no texto de Miroslav, podemos ir mais longe ainda.

Não seria também a atitude de Carolina um ato de transvaloração dos valores pré-estabelecidos por essa sociedade hegemônica? Milovic escreve, fazendo alusão a Nietzsche: “A transvaloração é exatamente essa mudança das origens normativas” (Milovic, 2004, p. 115).

### Considerações finais

Ainda hoje, passados 60 anos, as afirmações de Carolina se apresentam como revolucionárias. Fala-se em tolerância para com as minorias, entre elas estão os negros, o que é importante, mas a tolerância ainda põe o branco como o superior, o que “tolera” o diferente. O discurso de Carolina vai além: não pede nada aos brancos hegemônicos, mas rejeita a sua suposta supremacia. Trata-se, portanto, de uma geofilosofia: “Na perspectiva da geofilosofia, o ponto de partida de Carolina é o sofrimento, a defesa diária da vida de uma, então, favelada, que busca superar sua situação através da escrita”. (Fernandes, 2022, p. 237).

No livro “Quarto de Despejo”, Carolina antecipa algumas preocupações hoje presentes na geofilosofia e no pensamento decolonial, o que corresponde também a uma desterritorialização, seguida de uma reterritorialização de formas consagradas da narrativa: a redação do livro valoriza o conteúdo, em comparação com a forma, o que, de certa maneira, subverte a tradição clássica, sem, no entanto, comprometer a obra. Do ponto de vista geofilosófico, temos um exemplo de uma autora que não se adequou à forma e às exigências coloniais, mas fez com que essas a ela se adequassem. Vejamos a seguinte citação, de Deleuze e Guattari, e a comparemos com a atitude de Carolina:

Quem pode manter e gerar a miséria, e a desterritorialização-reterritorialização das favelas, salvo polícias e exércitos poderosos que coexistem com as democracias? Que social-democracia não dá a ordem de atirar quando a miséria sai de seu território ou gueto? (D&G, 1992, p. 139).

Carolina ousou desterritorializar aqueles que desterritorializam, pois a forma decolonial não desterritorializa Carolina; é Carolina quem a desterritorializa. Carolina Maria e a favela estão em “Quarto de despejo” de duas maneiras: no conteúdo e na forma. Vejamos sobre a citação a seguir:

Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o país dos políticos açambarcadores. (Jesus, 1960, p. 39).

É uma pena que gerações de brasileiros tenham sido privadas da experiência de conhecerem a obra de Carolina Maria de Jesus, que apenas recentemente tornou-se de conhecimento do grande público. Esse é um fato que evidencia, mais uma vez, o caráter hegemônico, patriarcal e masculinizado de nossa cultura.

Pensemos em quantos de nós, brasileiros, que frequentamos as escolas nas décadas de 1960 a 2000 e no quanto nos foi oferecido em termos de cultura, filosofia, literatura e arte, tanto do Brasil quanto de outros países e nada, absolutamente nada, nos foi oferecido sobre essa importante escritora que ousou desterritorializar o preconceito. Não podemos responsabilizar os nossos mestres e mestras, pois, provavelmente, também não a conheciam, a não ser um número

muito restrito; mas podemos responsabilizar, por completo, os meios de comunicação e a mídia de então, que tão seletivamente determinaram o que deveria, ou não, ser de interesse geral. E, ao nos privarmos do conhecimento de Carolina Maria de Jesus, nos privaram de toda a sua extensa obra, que inclui literatura em prosa, poesia, crônicas, roteiros de peças e música. E é em uma singela e crítica composição musical de Carolina que estão os versos a seguir:

### **O Pobre e o Rico**

É triste a condição do pobre na terra

Rico quer guerra

Pobre vai na guerra

Rico quer paz

Pobre vive em paz

Rico vai na frente

Pobre vai atrás

Rico faz guerra, pobre não sabe porque

Pobre vai na guerra tem que morrer

Pobre só pensa no arroz e no feijão

Pobre só pensa no arroz e no feijão

Pobre não envolve nos negócio da nação

Pobre não tem nada com a desorganização

Pobre e rico vence a batalha

Na sua pátria rico ganha medalha

O seu nome percorre o espaço

Pobre não ganha nem uma divisa no braço

Pobre e rico são feridos

Porque a guerra é uma coisa brutal

Só que o pobre nunca é promovido

Rico chega a Marechal

Rico chega a Marechal

Ohhhh Ohhh Ohhh (Carolina Maria de Jesus)

Assim, o “Quarto de despejo” (a obra de Carolina) subverte o quarto de despejo (social)

e quem é despejado é o colonial, hegemônico, masculino. Isso é grandioso. Conhecemos poucos casos assim.

Quanto a Miroslav Milovic, podemos afirmar que vivenciou na própria pele os conceitos que permeiam a sua obra. Combateu a hostilidade contra o considerado diferente, à qual ele próprio vivenciou, sendo levado a encontrar hospitalidade e liberdade em outros lugares e países que o acolheram, entre os quais, o Brasil. E, a despeito do seu falecimento, em 2021, a sua obra continua viva, pulsante e cada vez mais urgente. Como afirmou Rose Dayanne Santos de Brito, a respeito de Miro: A potência do seu pensamento resplandece além das fronteiras da Iugoslávia, da Sérvia e do Brasil. Peço aos leitores que dialoguem, escutem e leiam seus escritos, para que Miroslav Milovic, filósofo eterno, “não morra, fique no mundo. (Brito, 2022, p. 197).

Concluo com a seguinte reflexão: o *Quarto de Despejo*, de Carolina, encontra um lugar diferente, e acolhedor, na *Casa de Lévinas*, de Miroslav.

## Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento de Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- BALDINO, Marco. **Che cos'è la geofilosofia?**. Rivista Italiana di Geofilosofia. Maggio-2013. Disponível em: [http://www.kasparhauser.net/Ateliers/geofilosofia/baldino\\_geofilosofia.html](http://www.kasparhauser.net/Ateliers/geofilosofia/baldino_geofilosofia.html). Acesso em: 26 jul. 2023.
- BRITO, Rose Dayanne Santos de. Miroslav Milovic por vir. In: **Dossiê Miroslav Milovic: direito como potência**. Vários autores. São Paulo: Editora Max Limonad, 2022.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O Que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Qu'est-ce que la philosophie?** Paris: Les Éditions de Minuit (édition électronique), 2013. Disponível em <https://www.pdfdrive.com/quest-ce-que-la-philosophie-d194478376.html>. Acesso em: 08 mai. 2022.
- DIOP, Cheikh Anta. **The African Origin of Civilization: Myth or Reality**. A Origem Africana da Civilização: Mito ou Realidade. Traduzido para o Português a partir da tradução inglesa de Mercer Cook. EUA: Lawrence Hill & Co., 1974.
- FERNANDES, Paulo Irineu Barreto. Ser mulher não é não ser homem: um estudo geofilosófico sobre a decolonização da pessoa feminina. In: **Entre apagamentos, rastros e pegadas: mulheres que existem**. AMITRANO, Georgia; FREITAS, Luciano S. de; CARMO, Natália Amorim do. Rio de Janeiro: Ape'ku, 2022, pp. 225-243.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Editora Ática, 2019.
- MILOVIC, Miroslav. **Comunidade da Diferença**. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.
- QUINJANO, Aníbal. Colonidad Y Modernidad/racionalidad. In: **Perú Indíg.** 13(29): 11-20, 1992.